

Integração e educação: reflexões sobre a UNILA e a África

MAMADOU ALPHA DIALLO*

MARCELINO TEIXEIRA LISBOA**

Resumo: este artigo analisa a UNILA e sua inserção como elemento integrador dos povos da América Latina e reflete sobre possíveis contribuições para se pensar os problemas e a realidade africana. A UNILA, inserida nas iniciativas de cooperação latino-americanas, promove intercâmbio cultural e acadêmico, sugerindo que a África também pode adotar modelos de educação inclusiva e multicultural, ajustados às suas realidades locais. Utilizando as ideias de hábitos platônicos e de fronteira reparadora, o estudo conclui que a UNILA exemplifica como a educação superior pode fortalecer a autonomia regional e superar desigualdades, oferecendo um caminho para o desenvolvimento com base em estruturas e ideias próprias, através do ensino e da pesquisa voltados para essas finalidades.

Palavras-chave: educação; integração regional; América Latina

Integration and education: reflections about the UNILA and Africa

Abstract: This article analyzes UNILA (Federal University for Latin American Integration) and its role as an integrative element for the peoples of Latin America, reflecting on potential contributions to addressing African challenges and realities. UNILA, as part of Latin American cooperation initiatives, fosters cultural and academic exchange, suggesting that Africa can also adopt models of inclusive and multicultural education tailored to its local contexts. Drawing on the concepts of platonic habits and reparative frontier, the study concludes that UNILA exemplifies how higher education can strengthen regional autonomy and address inequalities, offering a path for development based on unique structures and ideas through education and research oriented toward these goals.

Key words: education; regional integration; Latin America.



* MAMADOU ALPHA DIALLO é pesquisador do Grupo Tríplice Fronteira. Doutor em Estudos Estratégicos (UFRGS) e docente do curso de Relações Internacionais e Integração da UNILA.



** MARCELINO TEIXEIRA LISBOA é Pesquisador do Grupo Tríplice Fronteira. Doutor em Ciência Política e docente da Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

Introdução

A Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) é uma instituição pública de ensino superior brasileira, fundada em 2010 e localizada na cidade de Foz do Iguaçu, na Tríplice Fronteira que une Argentina, Brasil e Paraguai. A UNILA surgiu como parte da política externa do governo brasileiro da época, cujo conjunto de diretrizes incluía o fortalecimento das relações regionais, especialmente com os países da América Latina e do Caribe. A instituição tem como objetivo contribuir para a integração regional por meio do ensino superior, além de refletir criticamente sobre a realidade latino-americana a partir de uma perspectiva local, menos vinculada às heranças coloniais que persistem mais de dois séculos após as independências dos países da região.

O continente africano compartilha algumas características com a América Latina, como o histórico de colonização e a herança colonial, além de desafios característicos de países que passaram por esses processos. Embora esses fenômenos tenham ocorrido em períodos diferentes e com intensidades variadas na América Latina e na África, a colonização, as independências sem uma completa desvinculação do colonizador e outros elementos históricos são similares em ambas as regiões. Os processos de integração regional, que na Europa se consolidaram ao longo das décadas, enfrentam em território latino-americano dificuldades semelhantes às observadas na África. No século XXI, os problemas sociais e econômicos, bem como as dificuldades em avançar com os processos de integração, constituem questões relevantes para essas duas regiões.

Considerando esse contexto, o presente artigo discorre, de forma argumentativa, sobre a UNILA e sua atuação como

elemento integrador dos povos da América Latina, refletindo sobre possíveis contribuições para pensar os desafios e a realidade africana. O texto argumenta que a África pode se beneficiar de modelos de integração que valorizem a educação inclusiva e multicultural, adaptados às realidades locais, com base na experiência da UNILA. Levando em conta a história de cada região, sustenta-se que tanto a América Latina quanto a África devem refletir sobre suas trajetórias e desafios a partir de uma perspectiva local, considerando suas especificidades históricas e culturais. Nesse sentido, a UNILA oferece um exemplo de como a educação superior pode ser uma ferramenta de autonomia regional, promovendo a superação das desigualdades e a criação de espaços de diálogo e troca de conhecimento entre as nações, respeitando as particularidades de cada região.

Para sustentar esta análise, adota-se uma abordagem qualitativa que se baseia na literatura especializada e em reflexões ancoradas na sua vivência dos autores. A metodologia caracteriza-se por uma abordagem essencialmente qualitativa, de natureza argumentativa. O trabalho fundamenta-se predominantemente em textos da literatura que trata do tema, com o objetivo de articular tais perspectivas em uma narrativa argumentativa. Além disso, são apresentados alguns dados quantitativos, obtidos junto à Universidade Federal da Integração Latino-Americana para ilustrar aspectos específicos da instituição. Dessa forma, o texto não aborda casos específicos de países ou projetos educacionais de forma comparada, mas discute o tema de forma mais abrangente, considerando questões regionais mais amplas, em vez de estudos de caso isolados.

Para a discussão proposta no texto, considerou-se também a experiência e vivência dos autores nos ambientes tratados no texto. Ambos são servidores públicos atuantes na UNILA, sendo que um deles é de origem africana, tendo conhecimento da realidade de seu continente de origem e também do contexto brasileiro, onde estudou em diferentes regiões do país. Essa visão de um senegalês com parte de sua história vivida no Brasil, com mais de uma década na UNILA, foi que gerou a ideia inicial desse trabalho, pela curiosidade acadêmica de refletir sobre as realidades dos dois lados do Atlântico a partir de experiências pessoais.

O texto está organizado em três seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira parte, são apresentados alguns elementos históricos que contextualizam a ideia de que a América Latina e a África compartilham semelhanças em certos aspectos. Nesse tópico, discute-se brevemente o processo de colonização e a realidade de ambas as regiões no início do século XXI. Na seção seguinte, são fornecidas informações sobre a UNILA e na terceira parte estabelecem-se conexões que possibilitam reflexões sobre a América Latina e a África. Nesse contexto, com base nas ideias de hábitos platônicos e de fronteira reparadora, discutem-se questões africanas que podem utilizar a iniciativa dessa universidade como base para pensar soluções para seus problemas locais.

Embora o texto predominantemente faça referência à África de uma forma geral, é importante destacar que não se trata de uma região homogênea. As subdivisões da África refletem uma miríade de características que não são comuns a todo o continente. De forma generalista, a África do Norte e a Oriental possuem influência árabe, enquanto que na África

Ocidental e na Central há influência de portugueses e ingleses, esses últimos também presentes na África Austral. Além dessas influências externas, cada uma dessas regiões possui predominância de uma ou outra cultura local, como berbere, iorubá, bantu, suaíli ou africâner. A África é muito heterogênea. Os próprios exemplos citados no texto referem-se muito mais às porções oriental e ocidental da África. No entanto, as problemáticas tratadas e as reflexões do texto podem ser estendidas a qualquer região que possua tais características, visto que o texto se propõe a uma discussão panorâmica.

O texto não pretende esgotar ou aprofundar o tema de maneira conclusiva. A proposta é, primeiramente, oferecer uma visão panorâmica da realidade histórica das duas regiões, no que tange à herança colonial e às possibilidades de integração regional nos tempos atuais. Em segundo lugar, o objetivo é refletir de forma mais específica sobre o caso da UNILA e como a integração por meio da educação pode ser uma alternativa a ser considerada nos países africanos.

Semelhanças entre América Latina e África

Historicamente, a África e as Américas (latina, principalmente) estiveram intimamente relacionadas desde que os colonizadores portugueses ocuparam as duas margens do Oceano Atlântico Sul no século XVI. Com a chegada ao Brasil da primeira leva de escravos africanos, em 1538, iniciou-se uma longa fase de aproximação, baseada principalmente no tráfico, que se estendeu até 1850, quando começou seu declínio. Ao longo desse período, a América Latina foi importadora de mão de obra negra, que, com a miscigenação, tornou-se uma das

bases da composição social, principalmente do brasileiro. Dessa forma, conforme demonstra Diallo (2012), o relacionamento entre África e América Latina foi importante desde o século XVII, pois criou nesse período um dinâmico centro econômico mundial através do chamado Atlântico Sul e mudou drasticamente a geopolítica e a geoestratégia militar, econômica e diplomática do mundo ocidental, onde o Brasil viabilizou o império português na região. Para Davis (2021, p. 163), a própria consolidação do Ocidente nasceu nas Américas, visto que as elites políticas da Inglaterra, França, Portugal e Espanha fortaleceram seu poder político por meio das riquezas obtidas nas Américas.

Com frequência, a colonização africana é apontada como tendo ocorrido posteriormente ao processo colonial na América Latina. No entanto, essa periodização é equivocada, pois ambos os processos ocorreram simultaneamente. Esse equívoco é reforçado quando se afirma que a história do imperialismo ocidental na África veio depois da independência latino-americana e que a escravização foi apenas um elemento nesse processo histórico. Ora, no período em que Espanha e Portugal conquistavam e colonizavam o território americano, desde o Império Asteca até as pampas rio-pratenses, no final do século XVI (MOREIRA, 2010), França, Inglaterra e Portugal se rivalizavam nas costas oeste africanas em busca de espaço. Barry (1985) demonstra como a concorrência franco-britânica nas costas da Mauritània após a Guerra dos Sete Anos (1756-1763) e a ocupação pelos ingleses da importante cidade de Saint Louis, no Senegal, marcaram o processo irreversível de desagregação do proeminente reino pré-colonial de Waalo. Isso demonstra como a interferência colonial na África era

intensa, mesmo no período que antecedeu a Conferência de Berlim de 1884-1885.

Vale ressaltar que, se no caso latino-americano essa influência europeia foi interrompida após a independência dos países da região, na África Ocidental houve uma intensificação e continuação da influência europeia após a declaração da independência política. Apesar de a presença europeia na América Latina e na África terem ocorrido concomitantemente, a intensidade dessa presença se deu cronologicamente uma após a outra. A forte presença em uma região implicava uma presença limitada na outra, o que pode ser visto como consequência lógica das necessidades e limitações do expansionismo ocidental. Assim, pode-se inferir que as independências latino-americanas tiveram como consequência direta a intensificação da presença europeia na costa oeste africana, e não o início dessa presença na região. Essa realidade histórica sugere que refletir sobre as condições, os problemas e a realidade da América Latina, pode ser útil para entender os problemas e a realidade africana e vice-versa.

Ao longo do tempo, a África e a América Latina desenvolveram semelhanças e relações características dos países colonizados, compartilhando uma história com pontos em comum em diversos aspectos. A primeira década do século XXI, na América Latina, foi marcada pela ascensão de governos que, além de compartilharem uma visão ideológica e pertencerem a partidos autodenominados de "esquerda", tinham em comum a preocupação de tornar a região mais autônoma, desenvolvida e relevante no cenário internacional (FUSER, 2018). Os objetivos desses governos eram buscados através de políticas que priorizassem a integração

regional e o desenvolvimento econômico e social. A região ganhou atenção no cenário internacional, ao mesmo tempo que esses governos buscaram construir alternativas que fortalecessem a soberania regional, promovendo uma integração mais independente e focada no desenvolvimento social.

Durante esse período, no continente africano, surgia o Renascimento Africano como um movimento internacional voltado para promover a integração entre os países africanos por meio do fortalecimento dos blocos regionais, como ECOWAS, ECCA, SADC, IGAD e UMA. Esse movimento tinha suas raízes na ideia de reconfiguração das formas de governança herdadas do período colonial, tendo em Thabo Mbeki, presidente da África do Sul entre 1999 e 2008, um de seus expoentes políticos. Era uma fase na qual havia plena clareza do quanto os processos globais afetam as economias africanas e, nesse período, Babatunde (2012) argumentava sobre a necessidade de desenvolvimento de estratégias que empoderassem os países do continente africano e não que perpetuassem dependências externas.

No entanto, com a crise econômica e financeira de 2008, o ímpeto desses processos de integração autônoma começou a diminuir, devido às conexões desses países com o sistema internacional globalizado e aos vínculos herdados dos antigos sistemas coloniais europeus. Conforme abordado por Sassen (2006), ao tratar dos efeitos dos processos vinculados à globalização, as dinâmicas que moldaram o sul global, incluídas nesse conjunto a África e a América Latina, continuam a influenciar a posição dessas regiões na economia global. A globalização, em seu processo regular, frequentemente marginaliza ou exclui as regiões dependentes dos fluxos

principais de capital e poder global. Mais ainda, a autora considera que processos de globalização intensificam desigualdades e criam novas formas de exclusão econômica e social (SASSEN, 2006) e isso torna-se ainda mais forte em momentos de crises econômicas.

Os impactos da crise de 2008 levaram a mudanças políticas tanto na América Latina quanto na África, que afetaram diretamente, ainda que de maneiras distintas, os processos e estruturas de integração regional em ambas as regiões. Em consonância com a convicção de que “o argumento científico foi uma arma de ataque de primeira linha por mais de um século” (GOULD, 2014, p. 31) e alinhado com o pensamento de que “apesar do progresso e da expansão do conhecimento, o futuro será cada vez menos previsível, enquanto tanto a natureza humana quanto as ‘ciências’ sociais parecem conspirar para esconder que o mundo é dominado pelo extremo, pelo desconhecido e pelo muito improvável” (TALEB, 2008, p. 27), o governo brasileiro criou a Universidade Federal de Integração Latino-Americana (UNILA). A criação da UNILA refletiu o esforço para fortalecer a integração regional através da educação, oferecendo uma plataforma para o intercâmbio e a construção de soluções conjuntas para os desafios comuns da América Latina.

A UNILA: história e números

A Universidade da Integração Latino-Americana foi criada em 2010 pela Lei nº 12.189/2010, com a missão de formar recursos humanos aptos a contribuir para a integração latino-americana, o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina. Nas palavras de Ricobom (2010), é uma instituição que tem uma finalidade que

vai além do tripé pesquisa, ensino e extensão, pois é voltada a formar uma cultura cidadã que possibilite a criação de estratégias para superar os desafios da integração de todo o continente. Sua vocação é o intercâmbio acadêmico e a cooperação solidária com os países integrantes do Mercosul e demais países da América Latina. Os cursos oferecidos estão em áreas de interesse mútuo dos países da América Latina, em áreas estratégicas para o desenvolvimento e a integração regional.

A ideia dessa universidade surgiu no âmbito do Mercosul, e as primeiras discussões sobre a criação de uma universidade de caráter integracionista latino-americano ocorreram em 2007. Inicialmente, a cúpula do Mercosul almejava uma universidade com sedes em diversos países da América Latina (UNILA, 2020, p. 9). No entanto, somente o Brasil efetivou o projeto, cumprindo o artigo 4º da sua Constituição, que determina que “a República Federativa do Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações”.

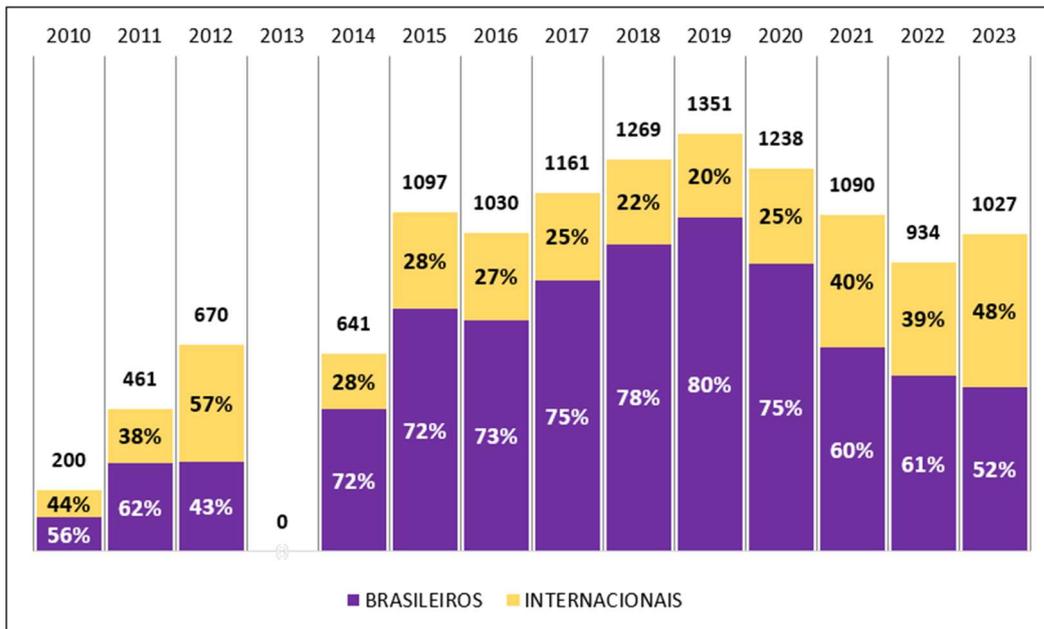
Tendo em vista essas perspectivas latino-americanistas, os cursos são organizados em Institutos Latino-Americanos de: Arte, Cultura e História (ILAACH); Ciência da Vida e da Natureza (ILACVN); Economia, Sociedade e Política (ILAESP); e Tecnologia, Infraestrutura e Território (ILATIT). Essa organização permite oferecer diversos cursos concentrados em áreas das ciências e das humanidades, trabalhando os conteúdos de forma interdisciplinar e transdisciplinar. Neste processo, entra o Ciclo Comum de Estudos, que é parte integrante da missão

da UNILA e obrigatório para todos os discentes matriculados na graduação. Todos os currículos preveem o cumprimento de carga horária neste Ciclo Comum de Estudos, que compreende 510 (quinhentas e dez) horas-aula distribuídas em três eixos: Fundamentos da América Latina, Línguas, e Epistemologia e Metodologia (UNILA, 2020). Isso permite trabalhar conteúdos de integração regional e características da América Latina em disciplinas de todos os cursos.

Ao final do ano de 2023, mais de doze mil alunos já haviam frequentado as salas e laboratórios da UNILA, que possui atualmente mais de seis mil alunos, recebendo uma formação com elevada competência técnica e uma profunda formação humanística e cidadã (UNILA, 2020). Além dos 29 cursos de graduação, a UNILA conta atualmente com um doutorado, 12 mestrados e 22 cursos de especialização. Nesse mesmo ano, a universidade finalizou o período com 4659 estudantes matriculados, provenientes de 31 diferentes nacionalidades (UNILA, 2024).

Considerando somente os estudantes de graduação, a partir de 2021 passou a ser maior a participação percentual de estudantes internacionais, chegando próximo aos 50% previstos nos objetivos institucionais. A figura 1 demonstra a quantidade total de ingressantes nos cursos de graduação e a participação relativa de estudantes brasileiros e de internacionais. Cabe destacar que desde 2015, ano em que passaram a existir os 29 cursos de graduação, a universidade oferece 1415 vagas em cada processo seletivo. No ano de 2013 não houve processo seletivo para ingresso de novos estudantes.

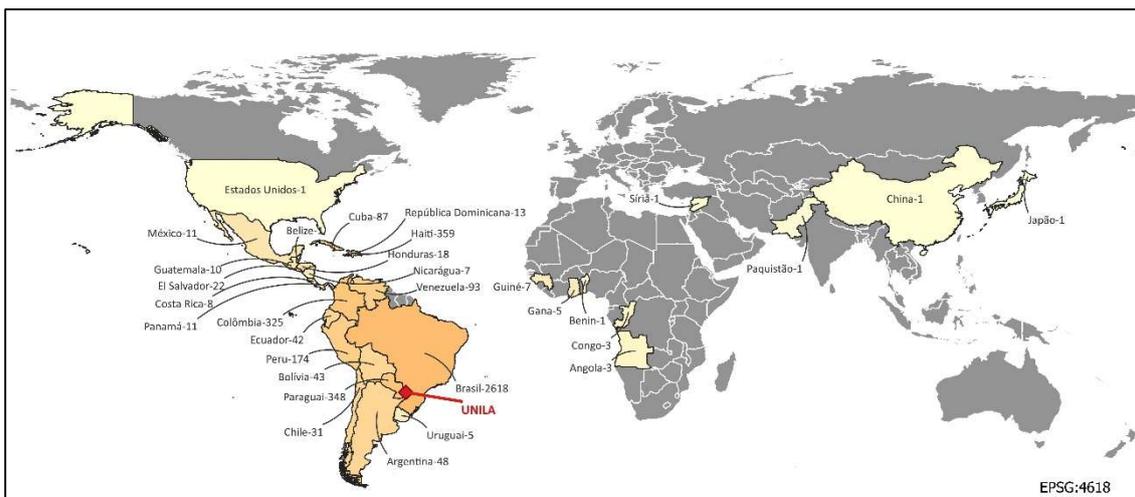
Figura 1: quantidade de estudantes ingressantes nos cursos de graduação por ano e nacionalidade



Elaborado pelos autores. Fonte dos dados: relatório institucional de gestão (UNILA, 2024).

Ao final de 2023, a UNILA contava com 4298 estudantes ativos nos cursos de graduação, sendo 61% de brasileiros. Dos 39% de estudantes de outras nacionalidades, os haitianos, paraguaios e colombianos compunham cada um 8% do total e os peruanos 4% do total, sendo essas as nacionalidades mais presentes. Na figura 2 ilustram-se as nacionalidades e o quantitativo de estudantes ativos no final do ano de 2023.

Figura 2: quantidade de estudantes matriculadas nos cursos de graduação da UNILA em 2023 por país



Elaborado pelos autores. Fonte dos dados: relatório institucional de gestão (UNILA, 2024).

A instituição possui 395 projetos de pesquisa em execução e somente no ano de 2023 o corpo docente da instituição publicou 282 artigos científicos e 31 livros, tendo ainda realizado o depósito de 2 patentes. Os 360 projetos de extensão universitária, que são uma importante marca da UNILA, envolvem e contemplam mais de 200 mil pessoas na região (UNILA, 2024, p. 77). Esses dados constituem uma amostra concreta do impacto da UNILA nesse curto período de tempo, considerando ainda os recursos financeiros e econômicos injetados na região desde 2010.

Reflexões sobre América Latina e África

Em termos contextuais, a criação da UNILA é, no processo de integração regional, uma resposta ao fenômeno da globalização e ao surgimento de lideranças regionais, conforme destaca Martins (2010). O autor destaca ainda que a liderança política regional ocorre levando em consideração a nova configuração geopolítica mundial, sendo os processos de integração seus principais vetores. Considerando que, em todo processo de integração, deve haver uma forte liderança de um ou dois países ou eixos para viabilizar o processo de integração (ETIZIONI, 1965), o Brasil sempre buscou assumir essa liderança. No entanto, foi durante o governo Lula, entre 2003 e 2010, que se concretizou a criação de várias linhas de atuação, incluindo a UNILA. Nesse período, houve uma clara e pronunciada política de fortalecimento das relações na América Latina e principalmente na América do Sul, orientada pela diretriz de assumir papel crescente no cenário internacional, tendo na integração sul-americana um dos eixos estratégicos para atingir esse objetivo (RICOBOM, 2010).

O principal processo de integração regional da América do Sul no período de surgimento da UNILA era (e ainda é) o Mercosul. Não é irrelevante, portanto, destacar alguns limites existentes à época, principalmente ligados ao Mercosul e à capacidade da UNILA em impulsionar a integração regional sul-americana no campo da educação. As fragilidades do Mercosul já eram imensas nos anos 2000 e muitos indicavam a sua estagnação. Malamud (2015) indica que o bloco passava por um déficit de interdependência, liderança e institucionalização. O autor considerava que a falta de comércio intrarregional significativo (interdependência), a ausência de uma liderança clara entre os países membros, além de uma institucionalização frágil prejudicavam o progresso do bloco. Em 2021, na Cúpula do Mercosul, os chefes de Estado destacaram questões comerciais e produtivas como visão para perspectivas futuras do Mercosul, sem destaques para a educação (PESSOTI e CHIOQUETTA, 2023), indicando que as dificuldades do passado ainda parecem estar presentes. Apesar de tais dificuldades, o projeto foi levado adiante

O projeto da UNILA assumiu um caráter utópico, pois não reproduziu projetos exógenos, transplantados de universidades coloniais, mantendo a coragem de imprimir o que há de mais original na concepção de universidade inspirada no movimento de Córdoba de 1918. Considerando que a participação estudantil, a educação inclusiva e práticas voltadas para as necessidades sociais foram bandeiras levantadas pelo precursor movimento de Córdoba, a criação da UNILA pode ser vista como parte da concretização de um projeto autonomizante que os latino-americanos discutem há quase um século.

O planejamento e a elaboração do seu projeto político-pedagógico da UNILA, de acordo com Trindade (2009) tiveram como referência não apenas a tradição universitária latino-americana, pois seu desenho institucional deveria ser elaborado no espaço entre a universidade ideal e a universidade possível, entre a utopia que mobiliza e a utopia da concretude histórica no Brasil e na América Latina. O princípio básico sempre foi o de que tivesse a missão de contribuir para a construção da integração latino-americana através de uma nova moeda: o conhecimento (TRINDADE, 2009).

Isso não quer dizer que no caso africano não haja também iniciativas de fomento à educação inclusiva por meio da integração regional. A Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (ECOWAS) tem iniciativas nesse sentido (YUSUF, 2018) e o mesmo ocorre com a Comunidade da África Oriental (EAC). Nesse segundo caso o Inter-University Council for East Africa (IUCEA), em certa medida, promovem a integração através da mobilidade acadêmica e da busca da padronização de qualificações. Essas são formas pelas quais essas instituições contribuem para a integração, em alguma medida, através da educação.

A UNILA, por sua vez, surgiu como uma universidade pensada para os latino-americanos, com uma estrutura física, administrativa e curricular relativamente diferente do modelo de universidade herdado da colonização europeia. Ricobom (2010, p. 69) destaca que “a UNILA é antes de tudo resultado do fortalecimento dos processos de integração da América Latina, de uma etapa autêntica, de retomada de uma consciência, valorização e ressignificação do continente e do povo latino-americano”. Isso não significou o

fim das universidades tradicionais do tipo europeu no Brasil; inclusive, a implantação da UNILA ocorreu sob a tutela da Universidade Federal do Estado do Paraná, uma das mais antigas instituições de ensino com a concepção de universidade no Brasil, fundada em 1912, portanto no século XX, enquanto que na América Latina as primeiras universidades surgiram no século XVI. Segundo Vieira (2018), no século XIX:

A elite brasileira tendia a buscar estudos na metrópole (Portugal). “o que indica o viés colonial exploratório distinto em termos mercantis e os legados não pretendidos, e de outro lado explica o tardio desenvolvimento da educação e da pesquisa, com importantes efeitos culturais e da construção da periferia do capitalismo na América do Sul” (VIEIRA, 2018, p. 56).

Nesta linha, percebemos que a educação com viés colonial, como ainda ocorre no continente africano, atrasou o desenvolvimento da educação e da pesquisa, e deixou legados não pretendidos. Conforme argumenta Babatunde (2012) a educação é um componente fundamental para o desenvolvimento econômico e social da África. Ele critica a abordagem histórica de estratégias de crescimento que negligenciaram o papel da educação como catalisadora de um desenvolvimento econômico e social que se sustente e propõe um replanejamento estratégico que priorize a construção de capital humano adequado para enfrentar os desafios contemporâneos do continente.

Nessa esteira, entende-se que para alcançar objetivos próprios e pretendidos, é necessário ter estruturas próprias, com ideias próprias, e isso se faz com ensino e pesquisa planejados para tais fins. Taleb (2008) sugere o

abandono “dos hábitos platônicos”, que é a tendência de confundir o mapa com o território e de concentrar-se em formas puras e bem definidas. Mais que isso, “os modelos são como remédios potencialmente úteis que carregam efeitos colaterais aleatórios, porém muito graves”, afirma o autor. A UNILA surgiu nessa perspectiva de “abandonar os hábitos platônicos” e romper com os modelos eurocentrados, criando um espaço para integração humana, social, cultural, política e física para futuros pensadores e líderes latino-americanos.

A UNILA é um espaço para produzir e entregar valor, no sentido de resultados com eficiência e riscos bem geridos, pois são mensurados em termos de benefícios para a sociedade (UNILA, 2020). Por isso, trouxe inovações importantes em relação a outras iniciativas e projetos de integração por meio da educação superior e outras universidades federais brasileiras, no que tange ao foco, missão, escolha da cidade sede da instituição e organização didático-pedagógica. Alguns pontos inovadores do pensamento fundacional da UNILA podem ser exemplificados pela perspectiva de Trindade (2009). O autor destaca o diálogo intercultural como um dos pontos nevrálgicos do projeto pedagógico e o reconhecimento das diferenças entre as diversas culturas para a busca da integração. Também aponta que a UNILA deve ser uma universidade sem muros e sem fronteiras, para que possa combinar os saberes elaborados pela academia com os saberes produzidos pelos mais diversos segmentos sociais, com vistas a fazer do conhecimento um instrumento de promoção humana.

Essas inovações são de grande importância para a integração africana. Um tema que pode ser pensado a partir disso é a realização, no curto prazo, dos

objetivos da Agenda 2063. Essa agenda tem como base o Pan-africanismo e a Renascença Africana e constitui uma estratégia para a resolução das injustiças passadas e a concretização do Século XXI como o século da África (AFRICAN UNION, 2015). Outra questão é o desenvolvimento de um sistema educacional inclusivo, voltado a reduzir desigualdades sociais e econômicas, além de fortalecer a coesão social, essencial para a integração bem-sucedida. Essa abordagem sobre educação inclusiva na África é realizada por Yusuf (2018), que examina o papel da educação inclusiva no avanço da integração regional promovida pela ECOWAS. O autor destaca que projetos educacionais colaborativos que promovem mobilidade estudantil e intercâmbio cultural são capazes de reduzir os impactos negativos em regiões instáveis (YUSUF, 2018), como são os casos de Nigéria, Mali e Burquina Faso.

Pensamento local e fronteiras reparadoras

O termo “fronteira reparadora” está presente no texto de Saavedra (2020) em texto no qual faz referência especificamente à UNILA. A autora trata a instituição como o germe de um projeto acadêmico integrativo projetado para a região latino-americana, que deve ser sustentado e fortalecido até que a região esteja mais bem preparada para assumir padrões superiores de integração com bordas extra comerciais e aprofundar mais os aspectos acadêmicos científicos da integração.

Quando se trata de integração e fronteira, é inevitável a abordagem do Estado-Nação, cujas linhas de fronteira são também os limites jurídicos de sua soberania. Em tempos de globalização, Sassen (2006) aponta a ocorrência de

uma desnacionalização, na qual as categorias que estruturavam o poder estão sendo deslocadas e ressignificadas. A autora alerta para a emergência de outros atores e novas lutas que alteram as configurações de território e autoridade. Não se trata do fim do Estado-Nação, mas de sua transformação e da abertura de espaços para novas dinâmicas (SASSEN, 2006). É nesse contexto que a UNILA se caracteriza como um projeto com possibilidade de gerar mudanças em tempos nos quais se evidenciam os efeitos da globalização e que se discute a integração em seus mais diversos aspectos.

Nesse sentido, entende-se que a ideia de fronteira reparadora se relaciona com as abordagens de fronteiras culturais (BHABHA, 1994) e fronteiras imaginadas (APPADURAI, 1996). Para Bhabha (1994), em contextos pós-coloniais – que é o caso da África e da América Latina – as fronteiras culturais são espaços de criação e transformação das próprias culturas, através da hibridização e da negociação de identidades. No caso da UNILA, essa dinâmica é possível pela sua localização geográfica em uma fronteira triplíce e também pela convivência de pessoas – estudantes, docentes e demais profissionais que convivem nesse espaço – de dezenas de nacionalidades. Isso significa a existência de um espaço propenso a discussão de identidades culturais, de criação e de transformação. Dessa forma, é possível pensar uma fronteira reparadora (SAAVEDRA, 2020) a partir da ideia de fronteira cultural (BHABHA, 1994), se for considerada a realidade da UNILA.

Appadurai (1996), por sua vez, argumenta que a era da globalização, as fronteiras culturais são mais flexíveis e subjetivas, sendo moldadas por fluxos de pessoas, tecnologias, capital, mídia e

ideias. Sassen (1991) também aponta a importância desses mesmos fluxos na conformação de uma realidade moldada pela globalização. Apesar da autora tratar de grandes cidades do mundo nos processos de globalização, nessa obra ela explora como essas dinâmicas globais criam desigualdades espaciais, econômicas e sociais. Enquanto algumas regiões e populações se tornam parte da economia global, outras são marginalizadas e excluídas, resultando em uma economia global profundamente desigual (SASSEN, 1991).

Então, apesar da flexibilidade das fronteiras culturais apontada por Arjun Appadurai (1996), há uma desigualdade multitemática apontada por Saskia Sassen (1991). Apesar de se tratar de abordagens da década de 1990, olhar para a América Latina e para a África no século XXI permite constatar que ainda se tratam de realidades vigentes.

Para Appadurai (1996) nesse contexto surge o conceito de fronteiras imaginadas como espaços subjetivos e simbólicos nos quais as pessoas se identificam com comunidades, grupos baseados em territórios físicos e em experiências compartilhadas e narrativas comuns. É uma fronteira imaginada porque permite às pessoas visualizarem realidades alternativas e pertencimentos que vão além do local ou do nacional. As fronteiras imaginadas, portanto, desafiam as noções tradicionais de fronteiras fixas, estabelecendo limites simbólicos que definem quem pertence ou não a uma determinada comunidade. As fronteiras imaginadas são culturais e subjetivas. Dessa forma, a fronteira cultural (BHABHA, 1994), juntamente com a fronteira imaginada (APPADURAI, 1996) contribuem para compor a ideia de fronteira reparadora (SAAVEDRA, 2020) que é utilizada para pensar a UNILA e a África.

O que foi exposto nos tópicos anteriores desse artigo permite reflexões sobre dois pontos importantes, considerando a UNILA como uma ideia a ser pensada no contexto africano. O primeiro ponto trata de criar uma instituição nacional com foco na integração latino-americana, com a nobre missão de formar recursos humanos aptos a contribuir para o desenvolvimento regional e para o intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina. Formar cidadãos capazes de analisar os problemas da região a partir de uma perspectiva própria, apontar e colocar em prática soluções é algo plausível para a realidade africana. Embora isso possa parecer uma banalidade, é importante reconhecer que as periferias do sistema internacional, como a América Latina e a África, entre outros, enfrentam o que Taleb (2008, p. 143) chama de “problema da evidência da prova silenciosa”, que permeia todas as coisas ligadas à noção de história e é aquilo que os eventos usam para ocultar a própria aleatoriedade.

Isso quer dizer que, com os efeitos da colonização, das estruturas do imperialismo capitalista e do neocolonialismo, as provas de que as soluções para nossos problemas e as chaves do desenvolvimento estão em nossas práticas ditas “não civilizadas” tornam-se evidentes. Nossos problemas estão nas estruturas, nas ideias e nas práticas impostas e importadas do Ocidente, a ponto de nos tornarmos uma perfeita ilustração do “terceto da opacidade”. Segundo esse terceto, a mente humana é afligida por três males ao entrar em contato com a história: a ilusão da compreensão, a distorção retrospectiva e a supervalorização da informação factual, além da deficiência de pessoas com conhecimentos profundos e muitos estudos (TALEB, 2008, p. 37). A criação e o

funcionamento da UNILA ilustram a compreensão do impacto desse terceto nas regiões periféricas e mostram que a remediação começa na escolha do local de implantação da instituição, que simbolicamente indica o rompimento das fronteiras coloniais. Nesse sentido, em relação ao continente africano, Cheikh Anta Diop afirmava que:

Nossos ideólogos não foram capazes de avançar com a teoria revolucionária na África Negra. De fato, mesmo que estivéssemos munidos de um método científico de análise tão frutífero quanto a dialética marxista, (supondo que tivéssemos assimilado suficientemente tal método), aplicá-lo em vão a uma realidade que ignoramos totalmente seria um esforço fútil. No entanto, por muito tempo, muitos compatriotas acreditaram poder realizar um conhecimento aprofundado da economia, da sociedade africana e da África em todos os aspectos. Assim, as conclusões alcançadas frequentemente revelam uma banalidade desoladora, quando não são pura e simplesmente errôneas. (DIOP, 1960, p. 5 – tradução própria).

Essa reflexão de Diop revela como, na prática, o terceto da opacidade aflige o continente africano e mostra que é inútil importar teorias, práticas e estruturas para uma realidade desconhecida. Isso significa que o primeiro passo para enfrentar os problemas de qualquer natureza na África e na América é conhecer a realidade histórica e sociocultural do local, e nada melhor para isso do que uma instituição de ensino, pesquisa e extensão como a UNILA.

O segundo ponto foi, a partir da definição do foco e da missão, escolher estrategicamente a Tríplice Fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai como

local de implantação da instituição. A própria UNILA emergiu em 2010 como “uma fronteira reparadora para uma área desarticulada por hipóteses de conflitos e situações de conflitos desencadeadas nos séculos XIX e XX no Cone Sul” (SAAVEDRA, 2020, p. tradução própria). Ou seja, a UNILA resgata as evidências silenciosas que permeiam todas as coisas ligadas à noção de história contada pela falácia narrativa colonial, a “grande fraude intelectual (platonismo)” (TALEB, 2008).

Problemas comuns que a integração e a universidade não resolveram

Quantas fronteiras reparadoras podemos traçar no continente africano?

O trabalho intitulado “Les dynamiques transfrontalières en Afrique de l’Ouest”, organizado pelo CRDI e Enda Diapol e publicado pela Karthala em 2007, mostrou a viabilidade de projetos como o da UNILA na região. Neste trabalho, os autores descreveram a região tri-nacional de Sikasso, Korhogo e Bobo-Dioulasso, entre Mali, Costa do Marfim e Burkina Faso, como um “subterritório de solidariedade” com condições físicas e sociais comuns e um triângulo entre construções nacionais e dinâmicas regionais (DAHOU, DAHOU e GUEYE, 2007). No caso da Senegâmbia meridional, Mohamadou Abdou et al. (2007) mostraram que, embora os esforços para aproximar os Estados da Gâmbia, do Senegal e da Guiné-Bissau frequentemente esbarressem em fardos administrativos e crises recorrentes, a área da Senegâmbia continuou a aprofundar os laços que moldaram sua história social e econômica. Da mesma forma, o eixo Maradi (Níger), Katsina e Kano (Nígeria) foi considerado um dos mais antigos corredores de desenvolvimento da África Ocidental,

aberto há séculos ao Golfo da Guiné e à África do Norte (ABDOUL, DAHOU e TRÉNOLIÈRES, 2007).

Esses três estudos de caso mostram a importância histórica das regiões de fronteira no continente africano e ilustram como o “conhecimento platônico” e as estruturas (fronteiras, Estado nacional) herdadas do colonialismo europeu estão na base da “desintegração” socioeconômica, política e cultural tanto na América Latina quanto no continente africano. Os modelos de integração devem ser pensados local e regionalmente (YUSUF, 2018), o que ressalta a importância das fronteiras reparadoras. Segundo (SAAVEDRA, 2020), a UNILA é o germem de um projeto integrador desenvolvido para a América Latina, que, apesar de estar implantado no sistema de ensino superior brasileiro, deve ser sustentado e fortalecido por todos os latino-americanos até que a região esteja preparada para adotar padrões mais altos de integração. É nesta ótica que o legislador e os responsáveis brasileiros definiram que cinquenta por cento (50%) das vagas para discentes e docentes são destinadas a brasileiros, enquanto a outra metade é nacionais dos demais países latino-americanos e caribenhos.

No caso do leste africano, mais especificamente na Área Comum de Educação Superior da Comunidade da África Oriental (EACHEA), há outros exemplos de universidades que promovem a internacionalização. Instituições como a Makerere University em Uganda e a University of Nairobi, no Quênia, possuem políticas para promoção de internacionalização e intercâmbios. A University of Dar es Salaam, na Tanzânia, possui regularmente cerca de 500 estudantes internacionais vindos de 42 países

diferentes, sendo cerca de 277 novos discente a cada ano. A universidade tem iniciativas robustas de internacionalização, como programas de mobilidade e eventos culturais que promovem a inclusão dos alunos estrangeiros em seu ambiente acadêmico (UNIVERSITY OF DAR ES SALAAM, 2024).

Apesar desse compromisso com a internacionalização e dos resultados obtidos, essas instituições africanas não foram criadas com o intuito de ter o elemento internacional e a integração como missão principal. No caso dessas universidades africanas citadas como exemplos, a influência na integração regional são efeitos indiretos, enquanto que na UNILA isso está em sua gênese. Após pouco mais de uma década de existência, é possível verificar ações concretas da UNILA como propulsora da integração pela via da educação. A universidade participou da Conferência Regional de Educação Superior em 2024 na coordenação do eixo que tratou de Educação Superior, internacionalização e integração regional da América Latina Caribe. No campo da educação e da integração, ocorreu a participação da UNILA na Reunião do Setor Educativo do Mercosul, em novembro de 2023. Também houve entendimentos com o Ministério das Relações Exteriores do Brasil para o encaminhamento de diversos assuntos, entre eles os entraves que ocorrem para a revalidação de diplomas de egressos da UNILA em seus países de origem (UNILA, 2024).

Sobre esse tema, Yusuf (2018) destaca que na África Ocidental existem tentativas da ECOWAS de harmonizar currículos e estabelecer padrões educacionais comuns. Da mesma forma, no leste africano existem iniciativas como o Quadro de Qualificações para o Ensino Superior da África Oriental, no

âmbito da EACHEA, que visa a padronização de currículos e o reconhecimento mútuo de diplomas entre os países da região (WAMBUA, 2008). No contexto do Mercosul, apesar de existirem acordos internacionais e normativas que visam facilitar esse processo no bloco, na prática, há um descompasso entre esses instrumentos e as experiências dos indivíduos que buscam validação de seus diplomas. A sobreposição e as inconsistências das normativas nacionais dificultam o reconhecimento, criando barreiras para estudantes e profissionais que desejam atuar em outros países do Mercosul (FERNANDEZ, 2021).

Na UNILA, há uma iniciativa de extensão universitária voltada a apoiar os indivíduos que buscam a revalidação de seus diplomas de ensino médio e superior, especialmente no contexto do Mercosul. Trata-se de um núcleo de orientação com o objetivo de fornecer informações sobre as normas e procedimentos legais para a revalidação de títulos acadêmicos entre os países membros do bloco, como Argentina, Brasil e Paraguai (FERNANDEZ, GIRÓN e ÁVALOS, 2021). A proposta surgiu de uma pesquisa que identificou que, apesar dos acordos existentes para facilitar a revalidação de diplomas, os trâmites muitas vezes são burocráticos, caros e pouco conhecidos, o que gera dificuldades para profissionais e estudantes que desejam validar seus diplomas. Apesar de seguirem existindo as dificuldades para a revalidação de diplomas, esse tipo de iniciativa é importante no processo de participação da universidade na integração.

Esse tema ressalta problemas comuns existentes na América Latina e nas diversas regiões do continente africano. Nem as iniciativas africanas e nem as ações da UNILA no contexto do

Mercosul conseguiram, até o presente momento, grande sucesso na harmonização de currículos e validação facilitada de diplomas. Fernández e Romero (2023) alertam para as implicações sociais e políticas dessa lacuna, ressaltando como as dificuldades no reconhecimento de diplomas afetam a mobilidade acadêmica e profissional no Mercosul, e impedem que o bloco realize o potencial de uma integração mais profunda. No caso da África Oriental, Wambua (2008) demonstra que um dos problemas para garantir o reconhecimento transnacional das credenciais educacionais está ligado à resistência de alguns governos a uma maior centralização dos sistemas de acreditação de diplomas no âmbito regional.

No caso da UNILA, seu compromisso é o de colocar em prática a crença de que a ciência, entendida como um fenômeno social e como uma empreitada humana — e não como o trabalho de robôs programados para coletar informações puras — deve ser executada por seres humanos, é uma atividade de cunho social (GOULD, 2014, p. 20). No caso africano, da mesma forma, iniciativas educacionais abrangentes podem fortalecer a cooperação entre os Estados-membros, abordando desafios como desigualdades sociais, culturais e econômicas (YUSUF, 2018).

Considerando que essas realizações são sementes geradas a partir dos pensamentos, valores e crenças latino-americanos, conclui-se que a educação superior, pensada e implantada estrategicamente, é a melhor forma de realizar a integração regional, o desenvolvimento sustentável, o respeito aos direitos humanos, a justiça social (educação para todos) e uma verdadeira democracia. O impacto da UNILA no desenvolvimento econômico,

sociocultural e político na região da Tríplice Fronteira ilustra como a educação superior, pensada a partir de perspectivas inter e transdisciplinares com base nos valores locais, regionais e continentais, constitui um caminho libertador, autonomizante e integrador. Enquanto isso, a impossibilidade de integração da África Ocidental está alinhada com a estabilidade capitalista, monetária e geoestratégica da Europa e dos EUA, bem como com as necessidades do mercado consumidor. Como alternativa, a integração regional e o reforço do mercado de trabalho, vinculando essas iniciativas ao fortalecimento da educação como uma base para transformação econômica e social de longo prazo (BABATUNDE, 2012) podem ser um caminho transformador para o continente africano.

Considerações finais

O foco desta reflexão foi identificar as conexões entre a América Latina e a África, considerando a integração fundamentada no entendimento das realidades locais, utilizando o caso da UNILA como base para essa discussão. Partiu-se da ideia de que a educação superior é um dos caminhos para o aprofundamento dessas conexões e, com base nessa experiência, analisou-se que a criação, o foco, a missão e o funcionamento da UNILA podem servir como modelo para o continente africano.

A primeira parte do texto apresentou, de forma comparativa, aspectos breves da história dos dois continentes, com o objetivo de destacar as semelhanças entre essas duas regiões do Atlântico. Historicamente, constatou-se que a América Latina/América do Sul e a África Ocidental/continente africano compartilham diversos elementos em

comum, incluindo a colonização europeia e seus impactos, o que torna seus desafios similares. Na sequência, foram apresentados dados e a história da UNILA. A criação desta universidade, com foco na integração regional, faz parte de um movimento de "interiorização da universidade", buscando maior inclusão e integração social, cultural e econômica no Brasil. Esse processo demonstra aos tomadores de decisão que o "Brasil" transcende os limites territoriais, sociais, culturais, econômicos e políticos impostos pela fronteira colonial. Tal percepção possibilita uma reflexão estratégica sobre o local, a missão, a visão e a organização didático-metodológica da UNILA, considerando-a como uma "fronteira reparadora".

Ressalta-se a importância da convergência dos governos latino-americanos e a afirmação, ou mesmo a consolidação, da liderança brasileira nos processos de integração regional. Convencido da relevância da educação superior para os processos integracionistas, o governo brasileiro, engajado na promoção e ampliação do acesso à educação para os brasileiros, além de focado no fortalecimento da integração regional, criou a UNILA em 2010.

Apesar do curto período de existência (dez anos), a experiência da UNILA demonstra o impacto e a capacidade transformadora do ensino superior, sobretudo quando este rompe com as estruturas desumanizadoras do colonialismo e do imperialismo euro-americanos. Nesse sentido, evidencia-se pela experiência dessa instituição o potencial do ensino superior em promover crescimento e desenvolvimento, visto que, ao contribuir para a formação acadêmica de uma maior parcela da sociedade,

promove uma educação inclusiva e colabora para restaurar a dignidade humana.

Esses pontos permitiram desenvolver a terceira parte deste texto, a mais extensa e relevante, na qual se reflete sobre as experiências que podem servir de exemplo. Para o continente africano, refletir com base na experiência latino-americana sobre a integração por meio da promoção da educação superior significa fortalecer as ideias do pan-africanismo e do renascimento africano. Esse fortalecimento implica o distanciamento dos conhecimentos "platônicos" e dos modelos eurocêntricos, bem como o resgate de valores africanos, como democracia, direitos humanos e boa governança, por exemplo.

Os dados da UNILA demonstram que objetivos como os estabelecidos na Agenda 2063 podem ser alcançados na prática em um curto período de tempo, utilizando a educação como ferramenta de integração. A criação de "fronteiras reparadoras", como a UNILA, implica compreender como a "democracia" e a boa governança eram praticadas nos impérios africanos e em suas constituições históricas, como a "Charte Mandingue de 1222". Questiona-se se a ausência desses valores na África contemporânea não seria um reflexo da herança colonial, e se a inviabilidade econômico-financeira não resultaria, direta ou indiretamente, da imposição de modelos e moedas coloniais, como o FCFA.

É possível alcançar paz e segurança no continente africano sem identificar as verdadeiras causas dos conflitos e os valores que realmente unem os povos? Responder a essas e outras questões é uma função crucial de universidades de integração, como a UNILA. Dada a sua importância estratégica, econômica,

política, cultural e social, essas respostas só poderão ser adequadamente formuladas dentro de estruturas concebidas com essa missão, como a UNILA.

Referências

ABDOUL, M. et al. Le Cas de la Dénégambie méridionale. In: DIAPOL, E. **Les dynamiques Transfrontalières en Afrique de L'Ouest**. Paris: Karthala, 2007. p. 28-68.

ABDOUL, M.; DAHOU, K.; TRÉNOLIÈRES, M. Le cas Maradi-Katsina-Kano: Un couloir de développement. In: DIAPOL, E. **Les dynamiques de Transfrontalières en Afrique de L'Ouest: Analyse des potentiels d'intégration de trois" pays Frontières" en Afrique de l'Ouest**. Paris: Karthala, 2007. p. 117-160.

AFRICAN UNION. **Agenda 2063: a África que queremos**. Addis Ababa: African Union Commission, 2015.

APPADURAI, A. **Modernity At Large: Cultural Dimensions of Globalization**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

BABATUNDE, A. M. Africa's Growth and Development Strategies: A Critical Review. **Africa Development**, 37, n. 4, 2012. 141-178.

BARRY, B. **Le Royaume du Waalo: Le Senegal avant La Conquête**. Paris: Karthala, 1985.

BHABHA, H. K. **The Location of Culture**. New York: Routledge, 1994.

DAHOU, K.; DAHOU, T.; GUEYE, C. Le cas "SKBo". In: DIAPOL, E. **Les Dynamiques de Transfrontalières en Afrique de l'Ouest**. Paris: Karthala, 2007. p. 3-27.

DAVIS, R. C. **Escravos Cristãos , Senhores Muçulmanos: Escravidão branco no Mediterrâneo, nas costas da Berbéria e na Itália de 1500 a 1800**. Campinas: Vida, 2021.

DIALLO, M. A. **Relações Internacionais, Gestão do conhecimento e estratégias de desenvolvimento: Debates interdisciplinares na primeira década do novo milênio**. Palhoça: Unisul, 2012.

DIOP, C. A. **Les Fondements Économique et Culturels d'un Éta Fédéral d'Afrique**. Paris: Présence Africaine, 1960.

ETIZIONI, A. **Political Unification: a comparative study of leaders and forces**. New York,: Praeger Co., 1965.

FERNANDEZ, P. D. Reconhecimento de diplomas universitários no Mercosul: o hiato entre as normativas e as experiências reais. In: FERNÁNDEZ, P. D.; STOECKL, B. P. **Educação e Integração Regional: experiências sul-americanas**. Curitiba: CRV, 2021. p. 21-40.

FERNÁNDEZ, P. D.; GIRÓN, M. Y. R.; ÁVALOS, M. M. Reconhecimento de diplomas e extensão universitária: o caso do núcleo de orientação para revalidação e reconhecimento de diplomas de ensino médio e superior. In: FERNÁNDEZ, P. D.; STOECKL, B. P. **Educação e Integração Regional**. Curitiba: CRV, 2021. p. 119-130.

FERNANDEZ, P. D.; ROMERO, F. G. Reconocimiento de títulos universitarios en el Mercosur: una mirada desde la teoría crítica. In: ARNAUD, A.; ABREU, B.; COLMENAREZ, H. E. **El Mercosur como proceso multidimensional**. Campina Grande: Ampla, 2023. p. 222-237.

FUSER, I. América Latina: progressismo, retrocesso e Resistência. **Saúde Debate**, p. 78-89, 2018.

GOULD, S. J. **A Falsa Medida do Homem**. Tradução de VALTER LELLIS SIQUEIRA. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

MALAMUD, A. Interdependence, Leadership and Institutionalization: The Triple Deficit and Fading Prospects of Mercosur. In: DOSENRODE, S. **Limits to Regional Integration**. New York: Routledge, 2015. p. 171-186.

MARTINS, J. R. UNILA: Uma Universidade Federal Brasileira para a América Latina. ; **ponto-e-vírgula**, p. 224-243, 2010.

MOREIRA, L. F. V. **As Relações Internacionais da America Latina**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

PESSOTI, J. R.; CHIOQUETTA, G. D. ALVXIII Cúpula de Chefes de Estado do Mercosul e a crise do regionalismo pós-hegemônico: reflexões sobre os rumos da integração regional. In: HONÓRIO, K. S. **Tramas e trajetórias da integração regional latino americana no século XXI**. Curitiba: Appris, 2023. p. 105-138.

RICOBOM, G. UNILA: a contribuição do ensino para a integração da América Latina. **Ideação**, 12, n. 1, 2010. 67-78.

SAAVEDRA, O. Introdução: Fronteiras e Relações Internacionais. In: LISBOA, M. T.; SILVA, M. A.; SAAVEDRA, O. M. **Fronteiras e Relações Internacionais: Perspectivas a partir do Cone Sul**. Curitiba: Appris, 2020. p. 15-24.

SASSEN, S. **The Global City**: New York, London, Tokyo. Princeton: Princeton University Press, 1991.

SASSEN, S. **Territory, authority, rights: from medieval to global assemblages**. Princeton: Princeton University Press, 2006.

TALEB, N. N. **A Logica do Cisne Negro: O impacto do altamente improvável**/Nassim Nicholas Taleb. Tradução de Marcelo Schild. Rio de Janeiro: Best Seller, 2008.

TRINDADE, H. UNILA: uma universidade para a integração latino-americana. **Nueva época: educación superior y sociedad**, 14, n. 1, 2009. 147-154.

UNILA. **Relatório Integrado de Gestão 2019**. Foz do Iguaçu. 2020.

UNILA. **Relatório Integrado de Gestão 2023**. Foz do Iguaçu: UNILA, 2024.

UNIVERSITY OF DAR ES SALAAM. International Students Statistics. **University of Dar Es Salaam**, 2024. Disponível em: <<https://www.udsm.ac.tz/web/index.php/offices/internationalization/international-students-statistics>>.

VIEIRA, G. O. Do Conceito a Concretude (2010-2018): Universidad Federal para la Integración Latinoamericana (UNILA), Brasil. In: DIDRIKSSON, A. **Inclusión y Calidad: la experiencia de las nuevas universidades en America Latina**. Azoques (Equador): UNAE, 2018. p. 55-69.

WAMBUA, R. The Role of Higher Education in Regional Integration: The Case of Universities in East Africa. **The Journal of the World Universities Forum**, 1, n. 2, 2008. 67-74.

YUSUF, M. A. ECOWAS agenda and regional integration development in West Africa: any role for all-inclusive education? **International Journal of Education Economics and Development**, 10, n. 1, 2018. 76-93.

Recebido em 2024-09-12
Publicado em 2025-06-27